



O Tempo Parou em São Miguel

Pedro Chaves

Três séculos depois de ter conhecido dias de riqueza e esplendor, o Povo de São Miguel das Missões — que foi o elo mais importante das reduções jesuíticas em nosso território — permanece para a maioria dos brasileiros, uma página semi-esquecida dos compêndios escolares. A visão de suas ruínas monumentais — meio instantâneo e eloquente para se compreender o papel que lhe coube em nossa evolução — continua um privilégio de poucos.

A alguns quilômetros de uma grande rodovia asfaltada (BR-285) e de uma razoável estrada de terra, mas somente alcançáveis por dois acessos sem as mínimas condições de tráfego, em especial nos dias de chuva, as ruínas de São Miguel representam um imenso potencial turístico à espera de tratamento adequado. Mais do que isso, uma parcela fundamental da cultura, da arte e da história de um povo estranhamente isolada — para não dizer perdida.

Há muito que se ver em São Miguel: ali, cada pedra fala de um passado grandioso. Apesar disso, não existe o que se poderia chamar de infraestrutura de atração turística. Não há telefonia, água, luz e esgotos nas proximidades imediatas. O único melhoramento do ponto de vista dos visitantes é um restaurante, que pela falta da infraestrutura não funciona ainda em termos que seria de se desejar. Como resultado, uma realidade que poderia falar à inteligência e à sensibilidade de milhares de pessoas (há dois museus que guardam muitas relíquias, como sinos de ferro e bronze, gigantescas estátuas de madeira e outras preciosidades originárias dos Sete Povos — o verdadeiro retrato de uma época) atinge apenas um número reduzido delas.

HISTÓRIA E LENDA

São Miguel foi a segunda redução jesuítica criada no Rio Grande do Sul, em 1632, a meio caminho entre Santo Ângelo e São Luiz. Fundada pelo padre Cristóvão de Mendonça, que teve o auxílio dos padres Pedro Romero e Paulo Beneditos, foi de todos os Sete Povos das Missões o que mais se desenvolveu, sendo por isso escolhido como Capital das Missões Orientais.

Era o mais populoso e rico dos Sete Povos, com extensas plantações de erva-mate, algodão, trigo, mandioca, cana-de-açúcar, batatas, ervilhas, favas, feijões, abóboras e outros produtos. Seu templo suntuoso foi construído pelo arquiteto italiano João Batista Primoli que se tornou frater, ingressando na Companhia de Jesus. As pedras utilizadas para a construção da igreja foram todas extraídas do rio Santa Bárbara, distante 20 quilômetros, já que em São Miguel não havia uma pedreira sequer.

As descrições da época indicam que a igreja tinha três naves, de 350 palmos de comprimento e 120 de largura, com cinco altares de talha dourada e excelentes pinturas. Ao entrar na porta principal via-se à direita uma Capela com seu altar e pia batismal, sendo a bacia de barro vidrado de verde, assentada sobre uma moldura de talha dourada. A torre era também de pedra com seis sinos. Imediata ao lado da Capela-mor achava-se a sacristia e daí seguiam-se os cubículos dos padres, que eram muitos e cômodos. Pegava logo um lance de quartos que olhavam para um gran-

de pátio, com alpendrada em roda, destinados à escola de ler, escrever, música vocal e instrumental. Dele se comunicava para outro semelhante, formado de várias casas, numa das quais trabalhavam 24 teares, e as outras eram oficinas de ourives, entalhadores, pintores, uma grande ferraria, muitos armazéns e uma casa forte, que servia de prisão tudo com admirável ordem. Uma espaçosa varanda, sustentada sobre colunas de pedra lavada de 25 palmos de alto, olhava para uma horta murada de pedra e barro, com ruas alinhadas e plantadas de pinheiros, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, pessegueiros e outras muitas árvores e arbustos, tanto indígenas como exóticas. Contíguo ficava um recolhimento de viúvas e donzelas, com um só portão, e um pátio no meio.

A exemplo das outras reduções, São Miguel — que na época de seu maior desenvolvimento chegou a ter 7.000 habitantes — tinha construído, ao lado esquerdo de sua igreja, um colégio e, ao lado direito, o convento e o cemitério. Na frente do templo havia espaço para uma grande praça, onde se realizavam as festas religiosas, com procissões, cavalhadas, etc.

Para se avaliar a contribuição das reduções jesuíticas em nosso processo evolutivo, basta lembrar que naquela região foi fundido o primeiro ferro do Brasil, foi instalada a primeira tipografia e editado o primeiro livro ("Martirologio Romano", em 1701).

Mas a extraordinária experiência social, econômica, cultural e religiosa cedo teria fim.

O epílogo se precipitou com a morte de Sepé Tiaraju e seus 10 mil guerreiros índios, em 1756, subjugados pelas forças portuguesas e espanholas que se uniram para dar cumprimento ao tratado de Madrid.

Desta epopéia restou uma lenda: um imenso tesouro que, na sua fuga, os jesuítas teriam lançado às águas lodosas do rio Ijuí, dentro de uma arca. Para garantir sua recuperação, os padres teriam amarrado à caixa uma grossa corrente de ferro, com elos enormes, que por sua vez foi presa a uma grossa árvore na margem direita do rio. Segundo historiadores durante dois séculos a corrente ali permaneceu, atraindo vários aventureiros em busca do tesouro. A essa versão imaginosa se antepõe uma outra: a corrente deve ter sido resultante de uma improvisada ponte que os jesuítas construíram para atravessar o Ijuí, que naquele local é largo e profundo.

A REALIDADE DE HOJE

Hoje, existem muitos projetos para o melhor aproveitamento turístico das ruínas de São Miguel das Missões. A Prefeitura de Santo Ângelo, por exemplo, quer construir um conjunto de apartamentos para hospedagem, no estilo de uma aldeia de índios. O restaurante já existe, mesmo funcionando em caráter precário. No entanto, estes planos todos não terão razão de ser se persistir a ausência de infraestrutura, principalmente quanto a acesso rodoviário, luz elétrica e telefones.

A reportagem do "Correio do Povo" constatou estas dificuldades. Saimos de São Borja em direção a Santo Ângelo, pois a meio do caminho se encontra o desvio para as ruínas. São apenas seis quilômetros, mas com a mínima chuva

se tornam intransitáveis. A solução foi percorrer mais 45 quilômetros, pernolitar em Santo Ângelo e esperar que o tempo melhorasse (o que felizmente aconteceu). Para quem transita pela BR-285, a situação é quase a mesma. Só que a distância que separa a rodovia das ruínas se eleva a 18 quilômetros (que devem ser asfaltados, segundo promessa do ministro Andreazza).

Os museus de São Miguel (um no interior da área das ruínas e outro construído segundo projeto que procurou seguir a arquitetura da época) não estão permanentemente abertos. Há um vigia que, quando chegam por lá turistas, trata de abrir as portas, pede para que se assine um livro de presenças e oferece, com muita timidez, algumas lembranças: postais, chaveirinhos, flâmulas, folhetos históricos (só em português) etc. Um fato estranho contrasta com a imponência histórica das ruínas: por todos os lados se vêem placas solicitando "não toque nas imagens", "não escreva nas ruínas" etc. Só que estas placas, ao invés de inscrições de algum órgão oficial, contêm os símbolos comerciais de uma fábrica de refrigerantes.

Há dois anos, João Ribas administra — por concessão — o restaurante das ruínas, construído pela Prefeitura de Santo Ângelo e pela Secretaria de Turismo do Estado. Apesar de dizer que o turismo naquela zona "progrediu mais do que esperava", João se confessa preocupado: "A falta de luz e de telefones é problemática. Além disso, sem hotel e sem estrada, nunca posso prever o movimento do restaurante. Por enquanto isto só serviu para garantir minha sobrevivência e de minha família. O movimento é totalmente incerto. No verão ainda dá para agüentar, mas no inverno se pode contar nos dedos quem consegue chegar até aqui, arriscando-se nesse acesso de seis quilômetros."

Durante as comemorações do centenário de Santo Ângelo, João Ribas matou, num sábado, três bois e preparou diversos pratos especiais, esperando — como era lógico — um grande movimento em seu restaurante. No domingo começou a chover, o acesso às ruínas tornou-se impraticável e ele terminou com um prejuízo de quase seis mil cruzeiros.

No dia em que passamos por São Miguel, João estava contente. Primeiro porque éramos os primeiros "turistas" que ele via em uma semana e, em segundo lugar, porque enquanto almoçávamos chegou ao restaurante uma equipe do DAER que, segundo os seus engenheiros, "pretende o quanto antes colocar cascalho no trecho de seis quilômetros que dá acesso às ruínas."

Desanimadora — esta é talvez a palavra mais apropriada para descrever a realidade turística de São Miguel das Missões, se cotejada com o magnífico potencial que representam as ruínas. O espetáculo soberbo, que demandaria muito tempo para ser visto em todos os seus detalhes significativos, deve ser apreciado rapidamente: a cidade fica distante, como distantes estão todas as comodidades próprias dos grandes centros turísticos. Na volta, uma reflexão se impõe ao visitante: será assim tão difícil dotar a área dos melhoramentos necessários? Ou São Miguel continuará sendo ainda por muito tempo desconhecida dos gaúchos e dos brasileiros?

